



**Traduzir *De re aedificatoria* de Alberti**  
***Translating De re aedificatoria***  
***Traducir De re aedificatoria de Alberti***

Pierre Caye<sup>1</sup>

Elane Ribeiro Peixoto<sup>2</sup>

<sup>1</sup> Autor. Centre Jean Pepin, Centre Nationale de la Recherche Scientifique.  
piercaye@gmail.com

<sup>2</sup> Tradutora. Universidade de Brasília, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo. Brasília, Distrito Federal, Brasil.  
elanerib@hotmail.com  
ORCID:0000-0001-9998-3438

Recebido em 04/07/2023. Aceito em 08/07/2023.



## Nota de tradução

Este artigo é um relato feito por Pierre Caye sobre a tradução do *De re aedificatoria* de Leon Battista Alberti do latim para o francês realizado por ele em parceria com Françoise Choay. A tradução, intitulada *L'Art d'édifier*, foi publicada em 2004 pela Maison du Seuil. O texto a seguir rememora a rotina que envolveu os tradutores durante os 15 anos dispensados no trabalho e, nos quais, encontros semanais eram realizados para a comparação dos mesmos trechos traduzidos que, submetidos ao escrutínio, ofereciam as bases para um resultado consensual. Durante os anos em que esse trabalho foi realizado, uma rede de colaboração foi se construindo com a participação de especialistas em Leon Battista Alberti, consolidando parcerias perenes. O artigo apresenta uma reflexão sobre a tradução, caminhos metodológicos possíveis e aproxima o trabalho do tradutor a um canteiro de obras, à semelhança do discurso albertiano.

O filósofo Pierre Caye é diretor de pesquisa no *Centre National de Recherche Scientifique* [Centro Nacional de Pesquisa Científica] (CNRS). Seus trabalhos compreendem temas da área de história e teoria da arquitetura, com especial atenção ao tratado de Vitruvius e a produção do período compreendido entre os séculos XV e XVIII. É diretor do *Centre Jean Pepin*, dedicado ao estudo das doutrinas antigas e seus rebatimentos na tradição cultural europeia da renascença às Luzes.

A tradução buscou, sobretudo, guardar a fluidez do texto original, atribuída pela escolha cuidadosa das palavras e pela pontuação. Na condição de um relato, o texto de Pierre Caye não foi concebido nos moldes de um artigo acadêmico, de forma que as obras citadas e os autores mencionados não estão indicados em bibliografia à parte segundo as regras da ABNT. A opção do autor foi respeitada, por entender que é outro aspecto a afirmar a fluidez referida. Os termos e expressões em latim foram mantidos e se justificam perante a especialidade de seu autor; obras citadas em francês tiveram seus títulos traduzidos para o português e estão indicadas entre colchetes; esse mesmo indicador serve para a tradução no nome de instituições e para a inserção de palavras que colaboram para a sintaxe da tradução. Para os neologismos, buscou-se criá-los de forma semelhante em português. A tradutora compartilha a visão de Pierre Merlin de que toda tradução é uma leitura atenta.

## Notes on the translation

*This article is a report by Pierre Caye on the translation of Leon Battista Alberti's De re aedificatoria from Latin into French made by him in partnership with Françoise Choay. The translation, entitled L'Art d'édifier, was published in 2004 by Maison du Seuil. The following text recalls the routine that involved the translators during the fifteen years spent on the job, in which weekly meetings were held to compare the same translated passages that, subjected to scrutiny, offered the basis for a consensual result. During the years employed in this work, a network of collaboration was built with the participation of specialists in Leon Battista Alberti, consolidating perennial partnerships. The article presents a reflection on translation, possibles methodological paths and approximates the work of the translator to a construction site, similar to the Albertian discourse.*

*Le philosophe Pierre Caye is director of research at the Centre National de Recherche Scientifique (CNRS). His work covers topics in the history and theory of architecture, with particular attention to Vitruvian treatise and the production of the period between the 15th and 18th centuries. He is director of the Centre Jean Pepin, dedicated to the study of ancient doctrines and their repercussions on the European cultural tradition from the Renaissance to the Enlightenment.*

*The translation has sought above all to maintain the fluidity of the original text, attributed to the careful choice of words and punctuation. As a report, Pierre Caye's text was not conceived as an academic article, so that the works cited and the authors mentioned are not indicated in a separate bibliography according to ABNT rules. The author's option was respected, for understanding that it is another aspect to affirm the referred fluidity. The Latin terms and expressions were kept and are justified by their author's specialty; works cited in French had their titles translated into Portuguese and are indicated between brackets; the same indicator is used for translation of institutions' names and for the insertion of words that contribute to the syntax of the texte in Portuguese. For neologisms, we have tried to create them in a similar way in Portuguese. The translator shares Pierre Merlin's view that every*



*translation is an attentive reading.*

### **Notas de la traducción**

*Este artículo es un informe realizado por Pierre Caye sobre la traducción de la obra *De re aedificatoria* de Leon Battista Alberti del latín al francés realizada por él mismo en colaboración con Françoise Choay. La traducción, titulada *L'Art d'édifier*, fue publicada en 2004 por la Maison du Seuil. El texto que sigue recuerda la rutina en la que se vieron envueltos los traductores durante los quince años que duró el trabajo, en los que se celebraban reuniones semanales para comparar los mismos pasajes traducidos que, sometidos a escrutinio, ofrecían las bases para un resultado consensuado. A lo largo de los años deste trabajo, se construyó una red de colaboración con la participación de especialistas en Leon Battista Alberti, consolidando asociaciones perennes. El artículo presenta una reflexión sobre la traducción, posibles caminos metodológicos y aproxima el trabajo del traductor a una obra de construcción, semejante al discurso albertiano.*

*El filósofo Pierre Caye es director de investigación en el Centre National de Recherche (CNRS). Sus trabajos abarcan temas de historia y teoría de la arquitectura, con especial atención al tratado de Vitruvio y a la producción del periodo comprendido entre los siglos XV y XVIII. Es director del Centro Jean Pepin, dedicado al estudio de las doctrinas antiguas y sus repercusiones en la tradición cultural europea desde el Renacimiento hasta la Ilustración.*

*La traducción ha procurado ante todo mantener la fluidez del texto original, atribuida a la cuidadosa elección de las palabras y la puntuación. El texto de Pierre Caye no se concibió como un artículo académico, por lo que las obras citadas y los autores mencionados no se indican en una bibliografía separada según las normas de la ABNT. Se respetó la opción del autor, por entender que es otro aspecto para afirmar la referida fluidez. Los términos y expresiones en latín se mantuvieron y se justifican por la especialidad de su autor; las obras citadas en francés tuvieron sus títulos traducidos al portugués y se indican entre paréntesis; el mismo indicador se utiliza para la traducción en nombre de instituciones y para la inserción de palabras que contribuyen a la sintaxis de la traducción. En cuanto a los neologismos, se ha procurado crearlos de forma similar en portugués. El traductor comparte la opinión de Pierre Merlin de que toda traducción es una lectura atenta*



## As virtudes da tradução

A tradução é, sem dúvida, o exercício mais proveitoso para a compreensão de um texto, pois ela permite ao tradutor se apropriar dele, o obrigando a respeitá-lo com a maior fidelidade. Não acredito que se possa realmente compreender um texto escrito em idioma diferente do próprio, sem que ele tenha sido previamente traduzido para a língua materna. Como no método experimental, não se trata apenas de analisar o texto, mas de validar ainda mais esta análise de forma sintética, pela reconstrução que implica a mudança de idioma. Cada palavra é sondada, cada frase é desmontada e remontada em função de sua polaridade, ou seja, identificando os termos que conduzem o sentido e para aqueles que os seguem. Isto é particularmente verdadeiro para o tratado de Alberti, nele, cada frase tem seu *punctum*, seu ponto significativo em torno do qual é construída, de forma que, em Alberti, toda frase exprime uma operação do pensamento e toda operação do pensamento se exprime por uma frase. Este fraseado, se me permitem dizer, rigoroso e econômico é o privilégio dos textos fundadores, que têm a ambição de instaurar um novo domínio do conhecimento e de práticas humanas, neste caso, no renascimento da arquitetura ao abrigo do modelo antigo, como foi proposto, a seu tempo, o *De re aedificatoria*. A arquitetura humanista e clássica é uma semântica: o arquiteto concebe e realiza o projeto antes de tudo com uma linguagem, definições, sintagmas, palavras que acionam, estruturam e orientam operações mentais, justificando a definição vinciana de arte como *cosa mentale*, em um período – o *quattrocento* – em que a linguagem gráfica do projeto ainda era rara e tateante. Considerando a linguagem gráfica uma forma instável de explicação propícia a todas as ambiguidades, Alberti se propõe a explicar a arquitetura *non signis sed verbis*, não por seus desenhos, mas por palavras, segundo seus próprios termos. Compreende-se nestas condições como a tradução pode ajudar aprofundar-se na inteligência das ferramentas de projeto.

Traduzir vem do verbo latim *traducere*, que significa fazer passar. Não se trata apenas de fazer passar de uma língua a outra. Porque essa primeira passagem só tem sentido se iniciar uma dinâmica hermenêutica que “vai até o fim”, de um ponto ao outro, como significa claramente o prefixo *tra-* que leva de uma frase à seguinte até religar o conjunto do texto sob um mesmo propósito e uma mesma inteligência que o atravessam e o inspiram com precisão, até o fim.

A Churchill que, no momento das horas sombrias da batalha da França e do Armistício de 1940, proferiu na Câmara dos Comuns três discursos, dignos dos grandes oradores antigos, que mudaram a face da guerra dando à Inglaterra a vontade de lutar e a esperança da vitória, lorde Halifax, seu rival do partido conservador, lhe fez o mais belo dos cumprimentos: “Ele mobilizou a língua e a enviou ao combate”. Há algo semelhante no exercício da tradução. Ela também mobiliza todos os recursos da língua de chegada para entregar e manifestar a significação enclausurada na língua de partida. A tradução deve *faire la sphère*. Dito de outra maneira, traduzir só tem sentido se a tradução voltar ao texto original não somente para o esclarecer, mas também para revelar todas as potencialidades enclausuradas na língua de partida. Muitas traduções atuais se esforçam para obter uma versão do original mais propícia à sua difusão que à sua compreensão. Uma boa tradução deve, ao contrário, visar o objetivo inverso: magnificar o original e lhe prestar homenagem. Uma boa tradução se reconhece por si mesma, não tem necessidade de ser acompanhada de comentário; é ela própria o comentário do texto traduzido pela evidência da escolha dos termos e das construções da frase: se a tradução não permite esclarecer o sentido de tal ou tal frase, nenhuma nota de pé de página poderá substituí-la. Ainda que não tenhamos sempre conseguido respeitar este princípio, buscamos segui-lo ao longo de todo o trabalho.

## As circunstâncias de um encontro

Gostaria, aqui, de prestar homenagem a Sebastien Marot que me permitiu encontrar Françoise Choay no outono de 1988. Foi o ponto de partida de nossa aventura comum que iria durar mais de 15 anos até 2004, data de publicação pela Seuil do *L'Art d'édifier* [A arte de edificar] na coleção *Sources du Savoir* dirigida por Jean Marc Lévy-Leblond e Thierry Marchaisse. Sebastien Marot acabava de assumir a direção da *Société française des architectes* [Sociedade Francesa de Arquitetos] e desejava



relançar a revista de arquitetura AMC, que em 1981 a SFA havia deixado de publicar, sob uma nova fórmula e um novo título *Le Visiteur* [O visitante]. Para tal, ele tinha iniciado um ciclo plurianual de conferências para tornar a SFA mais uma vez um novo lugar importante de reflexão e debate sobre arquitetura.

O segundo ciclo de conferências, o de 1988-1989, tinha por tema *L'architecture et le politique : Lumières, Révolution, République* [A arquitetura e a política: Luzes, Revolução, República]. Françoise Choay o abriu em 8 de novembro de 1988, no número 55 da rua Cherche-Midi, no sexto *arrondissement* de Paris, na sede histórica da SFA, com uma palestra intitulada *Technique éthique et politique dans le De re aedificatoria d'Alberti* [Técnica ética e política no *De re aedificatoria*] e eu a segui imediatamente depois, na semana seguinte, em 15 de novembro, com uma segunda palestra intitulada *L'architecture palladienne: une refondation du politique* [Arquitetura palladiana e a refundação do política]. Foi neste contexto que, partilhando uma bebida, nos conhecemos e começamos a discutir o grande projeto: traduzir o *De re aedificatoria* de Alberti. Não existia, então, tradução francesa, a não ser *la belle infidèle*<sup>1</sup> que o humanista Jean Martin, que já tinha traduzido Vitruvius e Sério, havia publicado em 1553, numa linguagem inspirada e poética, porém pouco explícita. Também não havia tradução inglesa, com isso a tradução de Tavernor, Leach e Rykwert não apareceu até 1991, reconhecidamente mais cedo que a nossa. Existia, porém, desde 1937, uma tradução russa, a de Vassili Zoubov: retornarei a esta singularidade. Mas, desde 1966, nos beneficiamos – e foi sem dúvida o mais importante – de uma nova edição do texto original latim graças a um professor de literatura latina da universidade de Milão Giovanni Orlandi, uma edição na qual podíamos nos apoiar, mesmo se descobríssemos que ao usá-la estava longe de ser perfeita e merecia ser melhorada. Trabalho que ainda resta fazer.

Na época de nosso encontro, Françoise Choay já apresentava uma obra considerável de historiadora e de teórica da arquitetura e, sobretudo, do urbanismo. Tinha publicado em 1980 pela editora Seuil uma obra importante *La règle et le modèle* [A regra e o Modelo] na qual, a pretexto da regra, impôs a figura de Alberti, e propunha novas interpretações de suas formulações ainda válidas depois de 40 anos. Do meu lado, eu era ainda um jovem pesquisador que terminava sua tese a respeito de *Le savoir de Palladio* [O saber de Palladio] e em relação ao comentário de Daniele Barbaro sobre o *De architectura* (1556-1567), só integrando o *Centre National de la Recherche Scientifique* [Centro Nacional Científico] (CNRS) no ano seguinte, em setembro de 1989.

No começo não estávamos de acordo. Trabalhando sobre Barbaro e Palladio, me colocava em um quadro de tradição vitruviana, cuja importância, Françoise Choay buscava minimizar na constituição da arquitetura humanista e clássica. Creio que nosso trabalho comum sobre Alberti, nos conduziu um e outro a modificar nossas posições respectivas a respeito dessa questão.

Logo de início, concordamos sobre a maneira de proceder, trabalharíamos com uma divisão igualitária de tradução e de créditos. Traduzir Alberti não se delega. Compreendi alguns anos depois porque Françoise Choay chegou à mesma conclusão: ela me confessou um dia, durante nossas discussões de trabalho, ter confiado, bem antes de nosso encontro, a tarefa de traduzir *De re aedificatoria* a uma professora de latim da *École des Chartres* [Escola de Chartres], mas com o resultado insatisfatório, em decorrência de nossa colega não ter respeitado os princípios que mencionei na introdução. Faltava, sobretudo, a esta tradução, segundo Françoise Choay, (pois de minha parte, eu nunca a vi) tanto o conhecimento das realidades arquitetônicas quanto a precisão dos termos. Por isso, ela desejava retomar este canteiro desde as fundações. Do meu lado, desde o início, havia compreendido que não chegaríamos a um resultado satisfatório se não estivéssemos ambos inteira e igualmente engajados nesta tarefa. Quando começamos em 1989, não tínhamos uma grande experiência de tradução. Aprendemos durante o trabalho, no corpo a corpo com o texto, nos instruindo mutuamente. Nunca

<sup>1</sup> Expressão utilizada para se referir a uma modalidade de tradução na França do século XVIII que buscava dar ao texto na língua de chegada uma forma embelezada que não era própria ao texto de partida.



tive uma experiência tão enriquecedora e o que aprendi, então, me serviu não somente para outras traduções que realizei depois, mas para o conjunto dos meus trabalhos, quanto mais não fosse pelo rigor de expressão que a tradução necessariamente requer e ensina. Depois disso, jamais traduzi sozinho, quer seja Nicolau de Cusa, Tommaso Campanella ou o *De familia* de Alberti, pois me parece impossível traduzir sem o olhar de um par igualmente engajado no trabalho. Sozinho, não se pode evitar as idiotices do tradutor, suas facilidades, seus truques que escamoteiam os problemas sem resolvê-los e que o leitor, a quem se facilita a tarefa, deixa facilmente passar. Sozinho, se tenta ir mais rápido, queimar as etapas, recorrer a automatismos que aceleram a tradução em detrimento de sua precisão. Aqui, assim como em outros domínios, cada um é seu ponto cego. O olhar informado e crítico de outro protege [o tradutor] de todos esses vícios e o leva a colocar sobre si mesmo o rigor aplicado ao parceiro. Ainda, é necessário que a colaboração seja estreita, regular e total. Foi o nosso caso.

## A tradução como canteiro

Traduzimos o *De re aedificatoria* como Alberti recomenda conceber e realizar os edifícios. Quer dizer, primeiro, não concebemos esta tradução como um “*délivrable*” [delivrável] segundo a expressão atual para definir as produções científicas, mas, ao contrário, como um canteiro. O canteiro albertiano apresenta três características que explicam sua força operativa e que, no nosso trabalho, tentamos, *mutatis mutandis*, respeitar.

Ele é, então, o lugar onde reunimos e preparamos os materiais; neste caso, os livros que necessitamos para nutrir nossa reflexão e verificar nosso trabalho, começando pelo dicionário latim-francês Gaffiot ao qual somamos o excelente dicionário latim-inglês de Oxford, sem esquecer o dicionário temático latim Quicherat, que várias vezes nos impediu algumas audácias, em suma “as obras consulares” segundo os termos utilizados, sob a invocação de São Jerônimo, para caracterizar este gênero de instrumento por um grande escritor além de eminente tradutor, Valéry Larbaud.

Sobretudo, tínhamos em mãos o fac-simile da edição *editio princeps* do *De re aedificatoria* estabelecida em 1485 em Florença por Angelo Poliziano acompanhada de seu *Index verborum* que Hans-Karl Lücke tinha estabelecido em 3 volumes no final dos anos de 1970 e que substituímos mais tarde pelo *index verborum* em 3 volumes in 4º estabelecido em 1996 por Javier Fresnillo Nuñez a partir da edição de Orlandi. Os index, de certa forma o ancestral do *data mining* [mineração de dados] forneciam preciosas ferramentas que nos permitiam seguir o rastro de termos mais significativos no texto e assim garantir à tradução, uma maior coerência.

Tínhamos ainda à nossa disposição, e sobre a mesa, as duas antigas traduções do tratado: a de Jean Martin, da qual rapidamente nos separamos apesar do prazer de sua leitura e, sobretudo, a tradução italiana de Cosimo Bartoli de 1548, cuja divisão atual do texto lhe é ainda tributária as escolhas de tradução, por sua força, são difíceis de ignorar. Foi ele, por exemplo, que traduziu *lineamenta* do primeiro capítulo do primeiro livro do tratado pelo termo *disegno* reinscrevendo Alberti no coração deste grande movimento da arte, cujo itinerário excepcional Vasari retracou nas suas *Vite*. Em várias ocasiões, e em particular no capítulo 1 do livro I, não pudemos fazer outra coisa senão o seguir. Fizemos, assim, vir à nossa mesa de jantar da rua Saint-Guillaume – uma mesa redonda em mármore de Saarinen - certo número de textos que, segundo o tema em questão, poderia nos ajudar, textos provenientes com frequência da admirável biblioteca de arquitetura que Françoise Choay tinha constituído e instalado em seu escritório.

O canteiro é também um lugar fechado e circunscrito que protege o arquiteto da pressão do exterior e lhe dá os meios e, sobretudo, o tempo necessário à maturação de seu projeto. Françoise Choay mostrou em a *La Règle et le modèle* [Regra e o modelo] o quanto o trabalho do tempo tem um papel considerável na concepção do edifício. É uma expressão que retorna com frequência no tratado: *iterum et iterum* que traduzimos como “uma e outra vez” e que significa claramente repetição, para não dizer em termos corbuserianos, a ruminação da mente do arquiteto meditando sobre seu projeto.



Nossa tradução é também o fruto de uma repetição incessante, de uma incansável revisão de nosso trabalho, durante 15 anos (1989-2004), sem interrupção ou quase, até que, como um fruto maduro, a obra cai de nossas mentes e é entregue ao editor, cuja paciência infinita, eu louvo. Por que tanto tempo? Porque, ao dividirmos o trabalho, não era absolutamente questão que cada um traduzisse sozinho suas partes antes de as juntarmos, no final: se tivéssemos assim procedido, haveríamos fabricado uma quimera, com cabeça de leão e cauda de dragão, um texto desequilibrado e confuso. Desnecessário dizer que toda a tradução devia ser feita pela mesma mão e que as escolhas de tradução fossem coerentes do princípio ao fim para retomar a significação do prefixo tra -. É por isso que, no começo da semana, transmitimos regularmente ao outro o trabalho prescrito, antes de nos reunirmos no fim de semana, durante um meio dia e, às vezes, durante todo o dia, na rua Saint-Guillhome, invariavelmente no mesmo lugar, para colocarmos questões, formularmos críticas e melhorarmos a tradução um do outro. Foi necessário a cada um colocar de lado qualquer ponto de honra e dar prova da maior humildade. É necessário precisar que inicialmente estávamos dividindo o texto capítulo por capítulo de cada livro, e não livro por livro, para obter um grau maior de imbricação entre nós. Mesmo que o texto de Alberti seja longo – 500 páginas na edição de Orlandi-Portoghesi de 1966 -, mesmo que cada um de nós tenha traduzido o texto todo e não a metade que inicialmente lhe foi atribuída, nada parece justificar um tal lapso de tempo: quinze anos, lembro. Na verdade, traduzimos e retraduzimos três vezes o *De re aedificatoria*, sempre seguindo o mesmo método de partilharmos os trabalhos e as reflexões até que os primeiros leitores e todos aqueles que nos acompanharam e aconselharam ao longo de todo o trabalho, estivessem plenamente satisfeitos. Sem interrupção ou quase sempre, pois paramos mais de um ano, no começo de nosso empreendimento, em virtude da doença de Jean Choay, o marido de Françoise, eminente biólogo e químico, doença que o levou no inverno de 1993. Não é sem emoção que evoco este momento doloroso, tão impressionado que havia ficado pela inteligência luminosa e singular, não afetada pela doença, de Jean Choay que seguia de longe, mas não sem atenção calorosa e judiciosa, nosso projeto.

Se o canteiro estiver fechado, ele deixa, no entanto, suas portas abertas a certo número de especialistas (os *periti*, diz Alberti) que vêm examinar o projeto ou aconselhar sobre qualquer problema de construção. A arquitetura sempre foi uma arte coletiva, tanto ontem quanto hoje, que se nutre da sabedoria de todos que a conhecem. Assim, tivemos a sorte de nos beneficiar de especialistas e conselheiros atenciosos.

## Os especialistas

Em 1994 encontramos Francesco Furlan, o fundador da *Société internationale Leon Battista Alberti* [Sociedade Internacional Leon Battista Alberti], sem dúvida o maior conhecedor do conjunto da obra de Alberti, naquela época, ele preparava o grande colóquio internacional sobre Alberti, previsto para se realizar em Paris de 10 a 15 de abril de 1995, para o qual ele desejava nos convidar para falar. A partir desse encontro, não nos deixamos mais, pois Francesco Furlan, após ter iniciado uma colaboração não menos frutífera com Françoise Choay, integrou meu laboratório e, depois de quase 30 anos, continuo a trabalhar com ele. Graças a Francesco Furlan, compreendemos melhor as numerosas circulações que ligavam o *De re aedificatoria* de Alberti ao resto de sua obra, em particular *De Familia* e *Momus*, o que acrescenta ainda mais profundidade antropológica a esse texto. Francesco Furlan nos sensibilizou enormemente sobre a importância das fontes e a respeito da leitura dos manuscritos, sabendo que deveríamos respeitar a edição de Orlandi até que outra fosse estabelecida. Em particular, tivemos um debate em relação à divisão de capítulos do *De re aedificatoria* que havia sido feita na edição de Geffory Tory, publicada em 1512 em Paris, e que toda a tradição editorial do *De re aedificatoria* havia seguido até então e incluindo a de Orlandi. Em várias ocasiões, essa divisão nos parecia excessiva e pouco propícia para ilustrar a organização do texto e manifestar o desenvolvimento regulado da reflexão: por que quatro capítulos para o *reggio* no livro I, e dois para o *area* enquanto um só capítulo é reservado à *partitio*, ao teto ou a parede, cuja importância não é menos considerável? Da mesma forma, por que no livro V subdividir 3 capítulos para a *villa*, enquanto a casa urbana ocupa apenas um? Mesmo se os desenvolvimentos sobre a *villa* são



seguramente mais longos, nada justifica desmembrá-los. Não queríamos modificar, reduzir e simplificar essa divisão, tampouco radicalmente suprimi-la, tanto nos parecia que os 10 livros do tratado representavam um todo que não necessitava ser seccionado. Mas, Francesco Furlan nos advertiu que, para romper uma tradição editorial, era necessário que estabelecêssemos uma nova para outra edição do texto latino. Francesco Furlan conhecia outra tradição historiográfica sobre a teoria arquitetônica de Alberti, totalmente ignorada no Ocidente, mas da maior importância: a escola russa conduzida por Vassili Zoubov. Não cabe, aqui, explicar porque a história da arte russa, tanto depois como antes da revolução de 1917, permaneceu apegada ao exemplo humanista e clássico da arte de Da Vinci, Palladio e também Alberti. Preparando minha tese, havia lido os artigos em francês e em inglês de Zoubov, em particular sobre a tradição vitruviana na Renascença, sabia também que ele tinha oferecido em 1938 uma tradução completa em russo do comentário de Daniele Barbaro sobre Vitruvius, que trabalhei em paralelo a nossa tradução, mas ignorava a obra considerável que dedicou ao *De re aedificatoria*: primeiro sua tradução do tratado publicada em Moscou em 1935, acompanhada dois anos mais tarde, em 1937, de um segundo tomo de comentários minuciosos e judiciosos; depois em 1946, sua tese de livre docência sobre a *Théorie architecturale d'Alberti* [Teoria arquitetônica de Alberti], só publicada em russo, por Dimitri Bayuk, em 2000 em São Petersburgo pela editora Aletheia. Zoubov representou uma fonte considerável, mas não suficiente, à qual recorreremos. Me deteei em um só exemplo de suas preciosas contribuições. Na introdução ao *De re aedificatoria*, Alberti sinaliza a existência de quatro estudos de próprio punho suscetíveis de completar seu tratado de arquitetura, estudos dos quais perdemos todo vestígio: um curto tratado sobre a construção naval, o *Navire*; uma história de números e linhas; também um guia sobre o que é útil para o ofício do arquiteto; e o quarto texto intitulado *Aeraria*. Nenhum tradutor conseguiu verdadeiramente traduzir corretamente este termo.

A tradução de Orlandi é confusa e parece fora de lugar, pois ele relaciona *Aeraria* ao *aerarium*, que quer dizer Tesouro público de Roma, assimilando este último opúsculo a um tipo de tratado de finanças públicas, cujas ligações com o tratado de arquitetura são difíceis de ver. É aqui que Zoubov dá a solução. *Aeraria* (sem dúvida um feminino singular, um *ars* ou uma *res aeraria*, mais que um neutro plural como na tradução de Orlandi) provém do latim *aes*, o bronze, e remete à arte da fundição do bronze que Alberti praticou nos anos de 1440 em Ferrara para a estátua equestre do marquês Nicolau III d'Este; um tratado que se relacionaria, indiretamente, ao capítulo 16 do livro VII dedicado ao ornamento que as estátuas conferem. Francesco Furlan tinha trazido consigo um outro colega italiano, não menos interessado em Alberti e sua teoria arquitetônica, Mario Carpo, que então trabalhava os vínculos entre a imprensa e a concepção dos tratados e também com a influência das traduções de Alberti no conhecimento arquitetônico no século XVI. Mario Carpo tinha compreendido uma coisa que logo nos pareceu essencial, a saber, Alberti era, primeiro, um engenheiro, um homem que concebia máquinas ao mesmo tempo mecânicas e mentais, o *finitor* em escultura, a perspectiva na pintura e na arquitetura, a *pictura* para o desenho das colunas ou, mais fundamentalmente, as proporções. Ele muito nos deu, mesmo sendo nossas abordagens finais muito divergentes. Situamos a arquitetura sob o signo da semântica, *non signis sed verbis*, enquanto Mario Carpo tinha compreendido, com a invenção da imprensa e o desenvolvimento do corte, um pouco mais tarde, como os recursos gráficos tinham se tornado no século XVI um elemento fundamental da teoria arquitetônica, como já eram na pintura, ao ponto de, segundo ele, tornar o tratado de Alberti tão obsoleto quanto havia sido celebrado.

Gostaria também de lembrar a atenção preciosa que nos dedicou Francesco Paolo di Teodor, o historiador da arte a quem devemos uma publicação admirável e erudita da *Lettre à Leon X* [Carta a Leão X] de Rafael e Castiglione, cujo papel na elaboração do corte é considerável e, por consequência, na constituição do projeto e de sua concepção no século XVI. Francesco Paolo di Teodoro possui um grande conhecimento da terminologia e uma grande fineza no uso da linguagem arquitetônica, nele encontramos a abordagem semântica que era a nossa e a serviço da qual desejávamos dispor nossa tradução. Francesco Paolo di Teodoro é um vitruviano como comprova seu persistente interesse pela *Lettre à Leon X*. [Carta a Leão X]. Ele continuava a nos lembrar de que não



se podia limitar a influência de Vitruvius sob Alberti apenas nas referências explícitas que o segundo fazia ao primeiro, mas existia entre os dois autores um importante diálogo implícito e permanente que não deveria ser negligenciado. Graças a Francesco Paolo di Teodoro, por quem Françoise Choay tinha a mesma estima que eu, que nossos dois pontos de vista sobre esta questão se aproximaram. Se Françoise Choay chegou a reconhecer que Vitruvius não era um autor de segunda mão nem um compilador, logo notei, o quanto Alberti conseguiu deslocá-lo e, mesmo às vezes, a invertê-lo, para propor novos instrumentos de concepção melhores e capazes de implementar uma poética arquitetônica clássica da qual Vitruvius havia sido o arauto: a mesma estética, o mesmo amor à forma, mas por outros meios, que de fato às vezes se equivalem, ou quase. Paralelamente à tradução de Alberti, concluí em 1995 minha tese na qual mostrava, entre outras coisas, que Barbaro tinha certamente utilizado a *concinnitas* que Alberti trata no livro IX de seu tratado, para definir a eurtmia vitruviana como uma harmonia linear. De certa maneira, *L'art d'édifier* [A arte de edificar] procedia a uma retradução do *De architectura* de Vitruvius: ele traduzia esse texto, fortemente impregnado de helenismo tanto em sua terminologia quanto em seu método e suas referências, em uma linguagem com noções propriamente latinas. E é esta operação de retradução entre dois tipos diferentes de latim que termina por produzir uma nova maneira de conceber o projeto e modificar o próprio significado da forma artística, comprovando assim a força semântica da arte.

Um outro vitruviano, particularmente ilustre, Pierre Gros, o autor da nova edição de referência do *De architectura* de Vitruvius, também veio nos dar apoio. Pierre Gros, grande conhecedor não só da arquitetura romana, mas também da cultura latina, havia se tornado consciente da importância da Renascença para a compreensão delas. Esta curiosidade fecunda o levou a se interessar pelo nosso trabalho, quando escrevia um artigo particularmente importante para a tradução dos capítulos 5 a 9 do livro VII dedicado às colunas e sua ordenação: “*Les ambiguïtés d'une lecture albertienne de Vitruve : la columnatio*” [As ambiguidades de uma leitura albertiana de Vitruvius : a *columnatio*] que mostrava como Alberti, através da noção de *columnatio*, modificava profundamente a noção vitruviana de *ordinatio*. Enquanto Vitruvius dispõe o tratamento das colunas a serviço das colonatas, pórticos, passeios e de numerosas outras formas de sucessão de colunas que tão bem caracterizam o urbanismo antigo, Alberti prefere singularizar a coluna, concebendo-a de maneira exclusivamente vertical de sua base até as cornijas que a sobrepõem, o que o leva a valorizar particularmente a modenatura e seu traçado. Isto sem dúvida explica como se passa da eurtmia vitruviana ligada, como seu nome indica, à disposição rítmica dos elementos arquitetônicos à albertiana que se define como uma harmonia linear, linearidade à qual a modenatura e o traçado dos detalhes da coluna contribuem em mais alto nível.

Importa ainda lembrar os conselhos de um outro grande especialista da arquitetura romana, em participar das técnicas de construção, Jean-Pierre Adam, que nos esclareceu sobre as dificuldades do Livro III do *De re aedificatoria* (assim como de certas passagens do livro X) consagrado à construção propriamente dita, considerada a síntese dos livros I e II, ou seja, a forma e a matéria, terreno para o qual, devo confessar, não éramos bem equipados. Devo ainda lembrar a ajuda que Jean-Pierre Adam nos prestou ao estar sempre disponível para reler nossa tradução. E a cada vez, ele nos colocava questões, nos fazia observações sobre nossas formulações, nos pedia esclarecimentos. Um dia, nos disse: “Compreendi tudo”. Então, nos certificamos que não estávamos muito longe do nosso objetivo.

Estes especialistas vindos a esclarecer e sustentar em nosso esforço não somente nos beneficiaram com seus conselhos, mas ainda permitiram melhor inscrever nossa tradução no campo das problemáticas, de questões e de pesquisa vivas em torno do fenômeno intelectual que constitui o renascimento da arquitetura antiga ou mais precisamente a emergência de uma nova arquitetura: nova arquitetura, que testemunha claramente o *De re aedificatoria*, necessário lembrar não a arquitetura antiga, mas “arquitetura à antiga”, esta distinção sutil, implicando mais que apenas uma nuance. À compreensão e valorização dessa emergência que nossa tradução quis se consagrar.

## Sobre alguns princípios de tradução



Gostaria, enfim, de insistir, à guisa de conclusão, sobre alguns princípios óbvios que guiaram nossa tradução. O latim de Alberti é, ao mesmo tempo, polido, simples, erudito e acessível. Polido porque Alberti se dirige primeiro aos príncipes e aos mais importantes comandatários de seu tempo, e simples porque o latim de Alberti não busca dissimular sua marca operária, seu conhecimento do canteiro e sua prática de artesão. Alberti não queria cair na confusão das línguas que reprova em Vitruvius que, diz ele no primeiro capítulo do livro VI, “ se exprimia de forma tal que os latinos teriam declarado que queria parecer grego e os gregos, que falava latim” de modo que, para Alberti, seu ilustre precursor não dominava bem nenhuma língua a ponto de parecer totalmente incompreensível. Em Alberti, o risco de confusão não advém do bilinguismo latim-grego que descarta em benefício do latim, mas mais em conformidade com seu tempo, do hiato existente entre a língua de suas fontes literárias antigas, que ele revive, e a língua do canteiro e a realidade da construção às quais se refere. De certa forma, Alberti eleva a língua técnica da edificação ao nível de uma língua ilustre, curial e cardeal, segundos os princípios de *De vulgaris eloquentia* de Dante. Mas, ao contrário de Dante, não é o *volgar*, o toscano, que é, assim, elevado e dignificado ao nível espiritual e literário, mas a língua das artes, que deixa o canteiro ou o atelier para aceder ao plano mais alto dos frutos do espírito humano. É o que, antes, o *De pictura* tentou realizar para a pintura. Neste contexto, a influência de Cícero é sentida em tudo em Alberti, não apenas nas referências textuais como comprovado em nosso *index nominum* na entrada a Cícero (e, sem dúvida, devêssemos adicionar um *index locorum*), ou ainda na terminologia como testemunham os termos *concinnitas* (harmonia linear) ou *honestare* (embelezar), retirados do *De officiis*, mas também no diálogo que Alberti em seu texto não para de estabelecer entre *otium* (o repouso, a meditação) e *negotium* (a atividade), ou entre *amoenitas* (prazer) e *dignitas* (a dignidade), que relembra a sabedoria do último orador da república romana.

Por isso, escolhemos uma linguagem clássica sem anacronismo, mas também sem sofisticação e nem pedantismo. Quero dizer que tentamos evitar a terminologia tardia e acadêmica da arquitetura clássica, tal como é apresentada, por exemplo, no dicionário de arquitetura de Jean-Marie Pérouse de Montclos, que oferece um léxico arquitetônico essencialmente pertinente para os séculos XVIII e XIX. Não devemos esquecer a dimensão inaugural e original do tratado de Alberti, leve e convidativo, que exprime mais um momento de invenção e do surgimento de um conhecimento que de codificação e, a esse título, requer uma linguagem ao mesmo tempo ingênua e engenhosa.

Tomarei apenas, por exemplo, a tradução do vocabulário da modenatura, quer dizer do ornamento da coluna no livro VII. Alberti claramente recusou o vocabulário vitruviano, muito marcado por referências gregas e helenísticas, que mais tarde contribuirá para formar o léxico acadêmico. Vitruvius chama *plinthus* a base da coluna, Alberti utiliza o termo latim *latastrum*, um neologismo fabricado a partir de um termo extremamente simples e utilizado em latim, *latus*, o lado, que traduzimos em francês para um termo não mesmo simples e usado: *carreau*. A propósito, o termo *plinthos* em grego é também muito simples, pois ele significa tijolo. Mas por manter sua forma grega, torna-se erudito. Para a parte côncava da base, o que Vitruvius chama *escocia* do grego *skotos*, o que faz sombra, Alberti a designa sob o termo em latim *orbiculi*, as rodas da polia, que remete a uma realidade de canteiro comum e experimentada pelos trabalhadores. O mesmo se aplica aos ornamentos das partes superiores da coluna: o que Vitruvius chama *tênia*, Alberti designa *fasceola*, a faixa, é o que o termo grego *tainia* realmente significa; ou ainda lá onde Vitruvius fala de forma misteriosa *astrágalo* (*astragalus*), Alberti se contenta em compará-la a um canal (*canalis*); e na língua francesa clássica que diz *doucine*, Alberti prefere evocar mais poeticamente uma ondulação (*undula*). Para nomear o equino do capitel (*cymatium* no latim de Vitruvius), Alberti utiliza, de maneira inédita, neste contexto, uma metáfora tirada do mundo comum e cotidiano. Ele diz *lanx*, que quer dizer uma xícara ou tigela, para *ábaco* (*abacus* no latim de Vitruvius), utiliza o simples termo tampa (*operculum*) que traduz bem sua função; no mesmo sentido, Alberti denomina as volutas do capitel jônico (*volutae* no latim de Vitruvius) não menos metaforicamente, comparando-a a uma casca enrolada sobre si mesma (*córtex*). Poderíamos multiplicar os exemplos deste gênero.

A tradução das operações numéricas, numerosas no tratado, apresentou, na sequência de sua própria



escrita, outra forma de dificuldade típicas aos conhecimentos em vias de se constituir. No seu tempo, Alberti era um verdadeiro matemático, particularmente ligado, como indica seu *Ludi matematici*, à aplicação das matemáticas aos problemas técnicos que, em sua época, era chamada de geometria prática. Entretanto, a construção e explicação das operações matemáticas utilizadas por Alberti para organizar as proporções ou para regular com método certos traçados (como o traçado da voluta por exemplo no capítulo 8 do livro VII) parecem, às vezes, tateantes e, para nós modernos, bem ingênuas e desajeitadas. Não quisemos formalizar suas operações ou, mais precisamente, para falar como os filósofos das matemáticas, proceder a sua “compacificação”; ao contrário, tentamos traduzir com cuidado e precisão cada uma das etapas do raciocínio matemático de Alberti, tão ocioso, supérfluo e enfadonho quanto possa parecer a uma sociedade tão matematizada quanto a nossa. Reprovamos metodologicamente esses historiadores das ciências que explicam as matemáticas antigas com equações do século XIX ou mesmo do XX. É necessário assim agir se quisermos compreender como as matemáticas são, pouco a pouco, inscritas, no meio das artes, da vida dos seres humanos e na construção de sua inteligência.

Desejaria terminar este último ponto sensível de nossa tradução. Tivemos, Françoise e eu, uma diferença em relação a tradução do título: *De re aedificatoria*. Eu queria encontrar um título simples e óbvio, um pouco fácil sem dúvida sem ser, entretanto, laudatório, um título que falasse a todos nossos leitores e ao qual cada um pudesse se relacionar: *l' Art d'Édifier*. Foi este o título definitivo com a aprovação do editor que partilhava os meus argumentos. Mas, Françoise Choay objetou, com razão, que *res* não se refere em latim ao mesmo campo semântico de *ars*, e que esta tradução perdia algo de essencial do projeto albertiano. Não se trata somente de uma arte, ou seja de um saber específico, mas de todo um domínio da realidade humana que este título visa esclarecer, o que exprime perfeitamente o termo *res* que encontramos em certo número de tratados técnicos da literatura latina: no *De re rustica* de Columela e de Varão, ou ainda na *Epitoma rei militaris* de Vegécio. Françoise Choay teria gostado de traduzir o título por *La question de l'édifier* [A questão do edificar]. Mas eu a convenci de que este título tinha algo de claramente moderno que contrariava nosso princípio geral de tradução de evitar o anacronismo e a modernização tão tentadora. Poderíamos ter também traduzido *res* por instituição, seguindo as traduções francesas de Vegécio no século XVIII intituladas *Les institutions militaires* [As instituições militares] solução que numerosas traduções atuais de Vegécio, francesa, inglesa, italiana, espanhola, continuam a seguir. Trata-se de fato de alargar o campo da cultura instituindo novos objetos e novas práticas que modificam nossa relação ao real e a serviço do bem viver.

Parece-me que este é precisamente o projeto de Alberti, e sabemos o quanto a questão da instituição por e para a arquitetura tem interessado Françoise Choay, que, como eu, é uma ávida leitora do historiador e teórico jurídico Pierre Legendre. Portanto, poderíamos também ter intitulado nossa tradução "*De l'institution de l'édification*" [Da instituição do edificar], mas esta opção teria sido sem dúvida a mais difícil de ser escolhida pelo editor, pois a noção de instituição perdeu hoje seu significado profundo.

Estes anos de tradução foram para mim anos de aprendizado e treinamento incomparáveis, e não posso agradecer o suficiente a Françoise Choay por ter me envolvido. Não só todas as minhas traduções posteriores do latim e do *volgar* devem a eles, mas ancoraram também e definitivamente meu pensamento e meu trabalho mais estritamente filosófico no amor à língua e à inteligência dos textos.



## **Pierre Caye**

O filósofo Pierre Caye é diretor de pesquisa no Centre *National de Recherche Scientifique* [Centro Nacional de Pesquisa Científica] (CNRS). Seus trabalhos compreendem temas da área de história e teoria da arquitetura, com especial atenção ao tratado de Vitruvius e a produção do período compreendido entre os séculos XV e XVIII. Entre suas recentes publicações, encontram-se *Durer. Éléments pour la transformation du système productif* [Durer. Elementos para a transformação do sistema produtivo] (2020); *Critique de la destruction créative. Humanisme et production* [Crítica à destruição criativa. Humanismo e produção] (2015); *Morale et chaos. Principes d'un agir sans fondements* [Moral e Caos. Princípios de um agir sem fundamentos] (2009), entre outros. É diretor do Centre Jean Pepin, dedicado ao estudo das doutrinas antigas e seus rebatimentos na tradição cultural europeia da renascença às Luzes. Recebeu os prêmios da Academia Francesa em 1996 e da Academia de Ciências Morais e Política em 2009.

**Contribuição de coautoria:** autor.

## **Elane Ribeiro Peixoto**

Professora da Universidade de Brasília, na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo. Suas pesquisas abrangem temas da área de Teoria, História e Crítica, incluindo a tradução de textos de interesse para essa área. Assumindo a tradução como um diálogo entre culturas, foi responsável pela tradução do francês para o português de *Percorrer a cidade* [*Courir la ville*, 2002] de Henri-Pierre Jeudy e *O culto moderno dos monumentos sua essência e sua gênese* (1903) [*Le culte moderne des monuments son essence et sa genèse*, publicado em francês em 2013] de Alois Riegl. Atualmente realiza a tradução dos verbetes assinados por Françoise Choay e publicados no *Dictionnaire d'urbanisme et de l'aménagement* (2015), obra que a historiadora das ideias dirigiu em parceria com Pierre Merlin. Esta tradução é um dos resultados do trabalho de pós-doutorado de Elane Peixoto realizado junto ao Programa de Pós-graduação em Urbanismo da Universidade Federal do Rio de Janeiro (PROURB), sob a supervisão de Margareth da Silva Pereira, com apoio do CNPq.

**Contribuição de coautoria:** tradutora.

**Como citar:** CAYE, P.; PEIXOTO, E.R.. Traduzir *De re aedificatoria* de Alberti. Paranoá, n. 35, p. 1–12, 2023. DOI: 10.18830/issn.1679-0944.n35.2023.07.

**Editores responsáveis:** Ana Clara Giannecchini, Carolina Pescatori e Priscilla Alves Peixoto.

**Assistente Editorial:** Lucídio Avelino.